

**CRÍTICA**

## **BALANCETE - COLETIVO FILÉ DE PEIXE NO CENTRO MUNICIPAL DE ARTE HÉLIO OITICICA**

Thiago Spindola Motta Fernandes

No texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, Walter Benjamin analisa as alterações que as novas formas de arte (fotografia e cinema) e de reprodução de imagem provocaram na cultura e na percepção do papel da arte<sup>1</sup>. Mais de 80 anos após a sua primeira publicação, buscamos compreender e nos adaptar aos impactos trazidos pelas novas tecnologias, principalmente a internet, na distribuição e consumo de bens culturais, como as artes visuais, o cinema, a música e a literatura.

A pirataria origina-se de uma tentativa de transformar pessoas oriundas das classes mais pobres em consumidores, criando um mercado marginal com produtos copiados ou falsificados cujos preços são compatíveis com a sua renda. Excluído pelas normas do capitalismo, porém seduzido pelo fetiche da mercadoria, o cidadão mais pobre busca no mercado informal o acesso a produtos que não conseguiria adquirir em lojas oficiais. Incluem-se nesse nicho CDs, DVDs, jogos, softwares, e no caso do coletivo Filé de Peixe, a videoarte.

O Filé de Peixe comemora 10 anos com a exposição *Balancete*<sup>2</sup>, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, que tem como cerne a performance *Piratão*. A performance consiste na produção e venda de DVDs de videoarte de artistas brasileiros e estrangeiros pelo valor único de 5 reais por uma unidade ou de 10 reais por três unidades, nos moldes da prática dos camelôs do Rio de Janeiro. O *Piratão* é realizado desde 2009, momento de grande discussão sobre direitos autorais e

de choque de ordem contra os camelôs na cidade, e se apropria dos vídeos sem a permissão dos artistas, tratando-os como objetos de consumo, e mais do que isso, de consumo popular. A lógica do colecionismo é subvertida e o vídeo é tratado mais como um produto industrial do que como um objeto artístico. O valor fixo também quebra uma hierarquia existente no sistema quando artistas consagrados passam a valer o mesmo que artistas mais jovens.

Cruzamentos com as ideias de Walter Benjamin são reforçados a partir da obra *A videoarte na era de sua reprodutibilidade pirata*, realizada especialmente para esta exposição. Este trabalho é constituído a partir de uma xerox do famoso ensaio de Benjamin, onde algumas palavras são rasuradas e trocadas por outras, como “videoarte”, “mercado” e “pirataria”, a partir de uma técnica de colagem. A apropriação mais uma vez está presente, assim como na maior parte da produção do Filé de Peixe, e pode ser considerada uma marca registrada do coletivo. O texto passa por um processo de reprodução técnica para então ser modificado e recontextualizado pelas mãos do coletivo, colocando em discussão a videoarte e a pirataria sem muita dificuldade, já que o *Piratão* dialoga com alguns conceitos benjaminianos, como o de aura e o de valor de exposição.

Segundo Benjamin, a aura da obra de arte é formada por dois elementos principais: a autenticidade e a unidade. A reprodução faz com que a obra perca esses elementos e passe a ter existência serial, não mais se restringindo a um único

local, assim a arte se torna cada vez mais submetida à exposição e acessível a um número maior de pessoas. Este é também o ponto de chegada do Filé de Peixe com o *Piratão*. A performance é uma maneira de difundir a videoarte, tirando-a das mãos dos colecionadores particulares e das instituições artísticas e levando-a para quem nunca poderia compra-la, considerando o alto preço desta produção no mercado de arte. Utilizando os procedimentos do mercado informal, o coletivo faz uma crítica ao mercado de arte e promove a democratização da videoarte.

O *Piratão* é tratado como um verdadeiro negócio. A exposição *Balancete*, como o próprio nome já indica, é um demonstrativo geral dos resultados obtidos com o *Piratão*. São apresentados gráficos com o levantamento dos vídeos mais vendidos, um mapa que indica os lugares do Brasil por onde a performance já passou e um livro-caixa, que mostra a contabilidade do *Piratão* de 2009 a 2016, aproximando o trabalho do coletivo ao de uma empresa. O processo e os desdobramentos do projeto também são evidenciados a partir de vídeos que mostram a fabricação dos DVDs e relatos de pessoas que participaram da performance, entre elas curadores, artistas e pessoas de fora do circuito artístico. Trata-se de uma exposição de caráter documental, em sua maior parte, mas o público também pode assistir a uma compilação de todo o acervo do *Piratão* que é exibido continuamente.

Uma parede é dedicada aos cartazes feitos pelo próprio coletivo, que supostamente se destinariam à divulgação dos vídeos no cinema e ostentam falsos selos de mostras e festivais renomados. Ao equiparar a videoarte ao cinema, o Filé de Peixe mais uma vez corrobora a perda da aura do objeto artístico ao inseri-lo no contexto do consumo de massa. Ao lado dos

cartazes encontram-se dois DVDs de ouro em comemoração aos artistas nacionais e estrangeiros mais vendidos até hoje durante as performances, são eles Matthew Barney, pela venda de 190 *Piratões*, e Paulo Brusky, pela venda de 185, novamente atribuindo a lógica do entretenimento e do consumo de massa à videoarte.

Como lembra a curadora Izabela Pucu no texto da exposição, o surgimento do Filé de Peixe faz parte de um movimento que ganhou força no Brasil na década de 1990, quando artistas começaram a se organizar em coletivos, posicionando-se de forma crítica ao sistema da arte e estabelecendo as próprias regras de produção e circulação de trabalhos. O Filé de Peixe cria um circuito artístico alternativo onde é ele quem define suas próprias estratégias de distribuição e ainda vai além ao se apropriar das obras de outros artistas e lhes impor esta lógica. O *Piratão*, assim como os camêlôs, cria uma alternativa perante ao sistema oficial e adquire a função de consolidar um novo público consumidor e oferecer maior potencial de exibição a um objeto de pouca circulação, que originalmente se restringiria a um público reduzido.

---

**Thiago Spindola Motta Fernandes** é mestrando em Artes Visuais pelo PPGAV/UFRJ na linha de pesquisa História e Crítica de Arte, é Designer Gráfico pela Universidade Estácio de Sá e graduando em História da Arte pela EBA/UFRJ.

[thiagosmfernandes@gmail.com](mailto:thiagosmfernandes@gmail.com)

## NOTAS

- 1 BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- 2 A exposição esteve em cartaz entre 26/11/2016 e 17/02/2017